

# Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno)..... 13000 reis  
Com estampilha (anno)..... 12200 reis  
Para fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias remettendo-se dois exemplares  
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE  
—\* Rua da Graça—OVAR \*—

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna  
Annuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis  
Annuncios permanentes, contracto especial  
Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento  
Preço de cada jornal avulso 20 reis

## Politica interna

Quasi todos os nossos collegas de mais acentuada cor politica se tem nos ultimos dias occupado de um assumpto incontestavelmente interessante, qual é a hypothese da formação de um *bloco* chamado *conservador*, o qual se poderia constituir por agrupamentos extranhos ao outro *bloco*, mais ou menos arbitrariamente denominado *liberal*, destinando-se essa concentração de forças partidarias, segundo o pensamento do «Correio da Noite», a assegurar a realização d'uma fecunda obra de governo, em que se firmasse o prestigio das Instituições e se atacassem e resolvessem os mais altos problemas nacionaes.

Emquanto uns calorosamente advogam o alvitre assim exposto, outros o combatem com igual fervor, e logo appareceu quem ameaça, está visto, de se passar para a republica, que é o meio mais prompto e eficaz que muitos dos nossos estadistas encontram á mão, para imporem os seus meritos aos poderes do Estado, e tambem para darem á opiniao, quer á monarchica, quer á republicana, uma prova eloquente da firmeza dos seus principios...

Em todo o caso a referida ideia parece que já merece os applausos não só do partido progressista, cujo orgão officioso foi exactamente quem a aventou, mas tambem do nacionalista, segundo se pôde deprehender do editorial da «Liberdade», presumindo-se com justos fundamentos que do mesmo modo, os amigos do sr. conselheiro Campos Henriques não recusariam a sua adhesão á alliança que porventura, nos termos indicados, viesse a effectuar-se entre aquellas duas aggremações partidarias.

Alóra certos excessos lamentaveis, como por exemplo, as descabidas ameaças a que alludimos ha pouco, a discussão que surgiu em torno d'esta materia é curiosa e digna de ponderação, e, pela nossa parte, agrada-nos vel-a travada, pois isso denuncia que se vão felizmente acceituando, da banda de todos, as tendencias para se definir e simplificar uma situação politica, até agora deploravelmente confusa e emaranhada, com gravissimo damno do paiz, da monarchia e tambem dos partidos.

Nós proprios, n'este mesmo logar e ha apenas alguns mezes, procuramos chamar as atenções geraes para a urgente conveniencia de se pôr termo, pela collaboration de todos, a um tão pernicioso estado de coisas, transitando-se d'este regimen de desmesuradas ambições pessoas e de exclusiva dedicação pelos homens para o da affeição aos principios, e agrupando-se nitidamente cada qual—os partidos ou os individuos—debaixo do lemma que melhor quadrasse ás suas convicções sinceras e reflectidas, sempre no sentido das supremas conveniencias da nação e das Instituições, as quaes valem bem mais do que o mesquinho prurido de mandar, que

tão commumente determina, entre nós, a posição e os actos dos homens publicos.

D'este modo, bem se comprehende que a existencia do actual bloco regenerador-dissidente, por um lado, e por outro lado o apparecimento do plano, ou simplesmente o alvitre da formação do outro bloco, embora indefinido ainda quanto aos seus elementos constitutivos—não podem ser, para nós, factos indifferentes, ao menos pela sua analogia externa e formal com as organizações politicas que nós mesmos imaginamos e preconizamos n'este jornal.

Corresponderá, porém, essa analogia de apparencias a uma identidade essencial, a uma identidade de intuitos, e tratar-se-há com effeito, não apenas de disputar primazias de mando pelo unico prazer de mandar, mas sim de servir e paiz e as instituições n'uma base de principios, de maneira que finalmente se possa dar á opiniao publica uma impressão de seriedade no poder, e de desassombro, de isenção, de abnegação e de capacidade nos homens publicos?

Toda a gente conhece, ao menos superficialmente, as circumstancias actuaes da vida politica portugueza e as condições precarias dos partidos, considerados isoladamente, podendo inferir-se d'ahi que a nenhum agrupamento terá sido difficil, em qualquer occasião, valorisar as suas forças por via de accordos ou entendimentos com outro ou outros, igualmente carecidos do apoio alheio.

Isso se tem visto abundantemente no curto periodo do actual reinado, e o facto de se haver conservado o partido regenerador-liberal, até agora, absolutamente extranho a quaesquer combinações de tal natureza deve portanto ser perante a opiniao publica uma garantia de que não nos movemos, nunca, pela simples ambição de governar ou de pesar decisivamente na balança da politica, e antes pelo contrario, que tendo principios assentes, intenções definidas e normas de proceder inflexiveis, rigorosamente lhes obedecemos a despeito de todas as conveniencias de momento.

Quer isto dizer que nos permitimos considerar todas as outras aggremações partidarias como politica ou moralmente incapazes de constituir uma concentração destinada a exercer a função de governo ou a de opposição, independentemente de restrictas preoccupações *regedorias* e tendo em mira, pelo contrario, os mais altos interesses politicos, economicos e administrativos da nação? De modo algum, e tanto que é essa esperança o que ainda nos faz confiar algumas vezes na regeneração d'este pobre e malfadado paiz.

Mas o que queremos significar, é que ainda, até, hoje, não logramos convencer-nos de que esses louvaveis e patrióticos intuitos tenham entrado bastante no espirito dos chefes politicos, dominando ali plenamente, e varrendo de lá as pessimas tendencias que os velhos costumes correntes naturalissimamente originaram, e tanto basta para que fiquemos

em duvida a respeito do verdadeiro obje tivo de quaesquer possiveis concentrações partidarias.

Podemos vel-as, em principio, com sympathia, por isso mesmo que já aqui como está dito, as advogamos. Quanto a applaudil-as n'uma hypothese concreta, isso depende, naturalmente, das condições da sua realização. Temos a tal respeito ideias muito nossas e muito firmes, sem que aliás a sua acceitação possa deprimir seja quem for, pois ellas são as que directamente não podem deixar de inspirar toda a acção politica tendente a servir o paiz.

Estas ultimas considerações vieram por termos encontrado em alguns collegas a supposição de que o partido regenerador-liberal venha a ter logar em algum bloco politico. As concentrações partidarias não nos repugnam em these, mas nas hypotheses podem convir ou não convir a.s nossos principios e ás nossas intenções.

O que por agora ha de mais certo, é que não estamos *concentrados*, nem para a direita, nem para a esquerda.

Emquanto não chegar a oportunidade, que tanto pôde ser proxima como longinqua, mantemo-nos n'um modesto isolamento, o qual não traduz hesitação—pois bem ao contrario, elle quer dizer que, decididos e firmes dentro das normas que nos traçamos e que são sufficientemente conhecidas—só poderemos dar o nosso applauso e o nosso apoio a quem entender como nós os deveres e a missão dos homens publicos e dos partidos, no melindroso periodo que Portugal atravessa.

## Mais uma infamia republicana

Da distinctissima e conhecida escriptora ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Angelina Vidal, acabamos de receber a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade.

N'ella se desmente mais uma das muitas infamias republicanas.

... Sr. Director do «Portugal»

Tentando «justificar» a hostilidade de que fui alvo na noite de segunda feira, primeiro de novembro, ao realizar na Academia Recreativa—Os Vencedores—uma conferencia subordinada ao thema—Influencia da Arte na civilização do povo—disse ahi uma folha que eu começara por insultar o partido republicano, os liberaes, e chegara a applaudir o fuzilamento de Ferrer.

Ora, tão disparatada falsidade nem merecia o minimo desmentido, se não revelasse o proposito de excitar rancores contra quem a essa folha nenhum agravo ha feito.

Nunca imitei a baixeza dos que fazem do insulto argumento de ataque, por que considero semelhante proceder como abjecta revelação de malevola grosseria.

De resto não seria em uma academia recreativa e artistica que eu iria referir-me a assumptos nada recreativos, absolutamente antagonicos com a Arte, e demasiado irritantes.

A Academia Recreativa, Os Vencedores, está installada no rez-do-chão do predio numero vinte e dois, rua S. João Nepomuceno.

A sala estava cheia de ouvintes, e as janellas abertas.

Desde as primeiras phrases da minha conferencia, começaram os desordeiros a chamar-me «thalassa», o que não me incomodou nada, visto, que «thalassa» é o contrario de «buiça», segundo se diz.

Pouco depois fallava eu de grandes maestros e celebres composições, entre as quaes o «Stabat Mater» de Rossini, a «missa de Requiem», de Mozart, os «Officios de Trevas», do maestro Casimiro—meu pae.—Romperam então vozes de «reaccionario», «vendida do padre Mattos» e diversos epithetos do vocabulario das viellas.

A mistura vivas à escola moderna, ao sr. Ferrer, á republica, etc.

Prosegui, e, a proposito da arte architectonica, esbocei as maravilhas dos conventos da Batalha, dos Jeronymos, de Alcobaça.

Aqui... delenda Carthago—Assanhou-se a tolerancia jacobina...

Fallar em architectura de mosteiros, que representam as mais gloriosas paginas da nossa historia, provoca as raivas da ignorancia exaltada.

E' o caso do sapateiro de Apelles.

Um dos manifestantes, já dentro da sala, vociferava não apotados; sem que ea percebesse o que não apoiava a creatura, e perguntei-lh'o.

Comprehendo o proposito dos desordeiros, e tratei de concluir a conferencia com algumas palavras ás senhoras presentes, já pouco tranquillizadas; aconselhei-lhes que educassem seus filhos nos principios da moral, da piedade, da arte, do perdão, afastando-os do caminho do odio, do sangue, caminho cheio de barrancos, onde vezes tantas se precipita a sociedade; e os conduzissem pela ampla e luminosa via da evolução, em que cada etape marca uma conquista ao progresso, ás industrias, á moral, ás artes, á piedade humana.

Foi então que rebentou a tempestade rija. As pobres senhoras gritavam, aterradas pela

brutalidade, e os heroicos manifestantes berravam vivas e morras havendo gritos de—*apaguem o gaz*—o que felizmente não lograram fazer.

Um d'elles, saltando os bancos, vinha direito a mim, sendo repellido pelos socios.

Após grande barulho, parecia tudo serenado.

Hora e meia mais tarde foi alguém da academia chamar uma carruagem para me conduzir a minha casa.

Os valentões, que todos suppunham já longe, appareceram então em magote, defronte da academia, berrando vivas á republica, á escola moderna, a Ferrer, e morras a mim, a outras individualidades, e uma chusma de injurias do seu vocabulario.

Evitaram-me, ser aggredda os socios da academia, que me rodearam, e aos quaes os desordeiros chamavam thalassas.

Uma senhora, que eu não conhecia, quiz ter a gentileza de acompanhar-me, e tomou lugar a meu lado.

Apenas a carruagem partiu, começaram os heroes a apedrejá-la, correndo atraz d'ella em ameaças e insultos. A boa senhora que vinha a meu lado, dizia ao cocheiro que mettesse a trote, porque os discolos se aproximavam. Todavia os cavallos continuavam a passo vagaroso, e tão pachorrentamente que, ao principio da rua do Visconde de Santo Ambrosio, um dos perseguidores chegou a por pé no estribo e ia deitar a mão á capota da carruagem... talvez em honra dos altos principios do gorro phrygio... talhado por modernos moldes...

Foi n'esse momento que subiam aquella rua umas patrulhas da municipal a cavallo, e os «heroes» desappareceram.

Nem a minha bondosa companheira nem eu, podemos chamar socorro, dado o susto e o assombro que nos dominava, e que todas as senhoras, sem duvida avallarão.

Da rua de S. João Nepomuceno, até ás alturas do Largo do Rato, nem um policial! Só d'ali em diante appareceu um ou outro.

O que fica exposto pode ser comprovado pelos socios e suas familias que presenciam os factos occorridos dentro e fóra da séde associativa, e mais particularmente pela dignissima senhora que generosamente me acompanhou, e só de mim se despediu á porta da minha casa.

Julguem os homens de bem, os caracteres briosos, de todos os partidos, a acção corajosa de um grupo de desordeiros que se combinaram para insultar, aggreddir uma mulher, e cuja furiosa arremetida podia resultar gravissima para a pessoa ajeitada, como já é vergonhosa para os principios por elles proclamados.

Suppondo—hypotheticamente—que eu manifestára opinião contraria á dos sectaristas vermelhos, desculpára isso a brutal conducta d'esses «heroes», dentro de uma associação de que não fazem parte, e onde havia senhoras e creanças?

E, emfim, note-se... Notem os espiritos imparciaes sem distincção de côres politicas.

Ha ahi uma liga de mulheres republicanas, que fazem conferencias, sessões de propaganda, quando lhes apraz, e proce-

dem segundo a sua vontade, como segundo o seu direito.

Alguem dos outros partidos, tem ido insultal-as, apedrejá-las, ameaçal-as de morte, quando na culminancia do seu entusiasmo, exprimem em phrases mais ou menos primorosas, a sua ira contra monarchicos ou catholicos?

Não pôde ser mais eloquente o confronto?

Que miseranda revelação de inferioridade moral e como o mesmo partido a que dizem pertencer semelhantes jacobinos, deve vexar-se de tão incorrectos correligionarios!

Angelina Vidal.

## E ESTA?...

Nunca me aconteceu uma coisa assim!

E parece que isto não succedeu mesmo a mais ninguem desde que o mundo é mundo e o bicho-homem o palmilha.

Na noite de sabbado passára eu algumas longas horas conversando com o travesseiro e deitando contas á minha vida e negócios a tratar amanhã do dia seguinte, domingo.

E resolvi, quer chovesse, quer ventasse, chegar ali á praça para liquidar umas contatitas e tratar d'assumptos que me interessavam.

Mas antes de lá ir dar, precisava de entrar n'um ou outro estabelecimento dos muitos que ha desde o meu casabre ao mercado da villa.

O dia rompeu chuvoso e pouco convidativo a saidas, mas o remedio foi metter ventas ao caminho, depois de envergar a fateota domingueira sob uma impermeavel capa de borracha, e de calçar umas chancas de vernis, novinhas do trinc, capazes de talarem tapetes de lama de palmo e meio de espessura.

Com o indispensavel guarda-chuva debaixo do braço, sahi de casa, modestia á parte n'um aprumo de elegancia e bom gosto. Adivinhava-se mesmo que os meus conhecidos e amigos eram da mesma opinião, pois ao verem-me davam-me uns «viva lá!» em que a par de satisfação de me deitarem o luzio, se descobria logo um certo quê de admiração.

Não ha duvida, ia muito bem posto e empavezado que era mesmo uma rua cheia.

Ali á do Fragateiro entrei na mercearia a comprar uns alfinetes de ferro, precisamente na occasião, em que o Laureano sahia de entregar um jornal. Paguei a compra e tratei de seguir logo o destino que a minha vida me indicava. Ao transpôr, porém, o limiar da porta, fui atordado por uma forte gargalhada! Voltei-me. Era o Francisco da Luz que se ria a bandeiras despregadas segurando na mão um jornal.

—Que diabo terás tu? resmunguei eu. E segui, mirando-me d'alto a baixo, desconfiando que qualquer defeito, que não vi, no meu trajar, lhe despertára a sonora gargalhada.

—De certo não é commigo... Mas ao passar á mercenaria vejo a tombo e faneco e todos os seus officiaes!

—Mau! disse com os meus botões. Estes é que parece rirem-se de mim!

Porque será? Talvez por me verem de capa de borracha... Mas isto é proprio da estação!

—Ainda bem não tinha matutado todo esse raciocinio, quando ao desembocar no largo do hospital, me surge o Zé Cinha com alguns convalescentes á roda, torcendo-se de riso com as mãos atadas nas ilhargas; o Dr. Baptista convulso como a pobre Maria Rita sentado e meio tombado

para uma banda na soleira da porta do theatro; o P.<sup>o</sup> Francisco bamboando-se de bruços sobre a janella, agitando no ar o lenço tabaqueiro com um d'estes ataques de cócegas, com que é bom a gente não se ir do mundo, e o Dr. Lopes de mãos no peito açolavancado de soluços de tanto rir!

Encordoei seriamente á vista de tamanha troça. Por força aquella gente ria-se de mim! O rosto ia-me em brasa.

Tirei o guarda-chuva de debaixo do braço, abria-o e assim marchei com elle á frente.

Parece que ia pelo ar! Chegado ao Isaac entrei e pedi-lhe encarecidamente me dissesse em que é que eu poderia provocar o riso de toda a gente! E contei-lhe o que me havia acontecido até ao Dr. Lopes, pois d'ahi por diante nada mais observára, tão certo era não saber eu já a que terra pertencia.

—Homem! disse-me o Isaac, você vem hoje tão decente e catita, que não vejo por que se riam de si.

—Veja-me bem esta capa. Será p'r'amor d'este estafermo?

—Nada, não pôde ser...

—Pois pelo sim e pelo não vou tiral-a. Também este chapéu de côco...

—Fica-lhe muito bem; não pôde ser por isso.

—Em todo o caso vou aqui ao Correia mudar de chapéu.

E sahi.

Mas antes não tentasse o tal.

Apenas entrei, Correia, caixeiros e freguezia, tudo andava a tombo com riso n'um ah! ah! eh! eh! ih! ih! oh! oh! uh! uh! que me endiabrou.

—Que diabo é isto? vociferei despeitadissimo e livido de desespero. Ninguem me respondeu! Sahi furioso.

Evidentemente: riam-se desde que me viram passar!

Voltei ao Isaac, mas, oh! ceus, que vejo eu! O proprio Isaac ria doidamente de mãos presas á teia da pharmacia, d'onde pendia um numero da «Discussão».

Era certo: eu não ia bem, pois até o Isaac ria-se de mim! Que terrivel situação! Até o Isaac!

Já não quiz saber de mais nada. Arrimei com a capa para o braço, abri o guarda-chuva, colloquei-o na minha frente e marchei heroicamente pelo seio da praça, murmurosa de gargalhadas á minha passagem até á barbearia do Hespanhol. Ao passar ao chafariz me pareceu que o velho Neptuno tambem arreganhou alvarmente a dentuça! Irral!

Sentei-me corrido de vergonha e soberanamente desconfiado de tudo e de todos. Estava a ver quando toda aquella gente do mercado se dirigiria ali á porta para festejar com suas gargalhadas essa enorme pecha de ridiculo que todos, menos eu, em mim descobriam.

—Mestre! Se me pudesse aviar depressinha, era favor.

E' que já não queria saber de praça nem de meia praça. O que eu desejava era raspar-me quanto antes para casa.

Zé Hespanhol fitou-me com um olhar manso e acquiescente, mas notou que eu estava impressionado. Olhou em roda como a indagar se alguém mais attentou no meu estado.

Ninguem, a não ser o Julio Official, que lia a «Discussão» e mordida fortemente os beiços. Vi logo: aquillo era gargalhada que estava imminente e que elle a custo reprimia.

Não esperei mais. Sahi, fugindo ao desacato de se rirem de mim nas minhas barbas.

Mal havia chegado á porta do Pinho, já na barbearia escachava a gargalhada!

Era de mais! Iria eu com as calças rotas nos

fundilhos?... Apalpei á furtadella. Nada. Tudo em bom estado: Mesmo a causa havia de ser bem visível e uns fundilhos andam bastante escondidos!

Chegado em frente á «Havaneza», resolvi, custasse o que custasse, esclarecer o meu espirito á cerca do motivo de tanta gargalhada.

—Façam favor, meus senhores, exclamei entrando pela porta dentro n'uma furia capaz de tragar d'um só bocado toda a borucracia que ali estava, digam-me: porque é tanto riso?... Tudo a tombo e ninguem me responde?!...

Que é isto? aqui e em toda a parte onde chego?

A corera queimava-me os labios e os meus olhos por força que coruscavam!

—E' de mim que se riam? insisti ameaçador, de guarda-chuva em riste.

—Suspenda! gritam d'um canto. Olhei. Era o dr. Sobreira. Estava sério e pensativo.

—O quê?!... pois não se ri tambem?!

—Não! respondeu sua excellencia n'um commovido gesto oratorio. Não mil vezes não! Por mais farcista que eu fosse, não deveria rir-me... de mim proprio!

—Como? E' de v. ex.<sup>a</sup>...

—Sim, de mim, da minha sinceridade ri-se hoje Ovar em peso! Leia... —e desdobrou diante de mim a «Discussão» d'esse dia.

Esfreguei os olhos estupefacto e li o *an-tête*. Ao chegar a estas palavras: «Eis o que nos obriga a declarar a dignidade do partido, que representamos, em que nascemos, que jámais ABANDONAMOS...» não podemos mais: desatamos n'uma d'estas gargalhadas que só uma boa *chataça* consegue desentranhar das furnas d'um peito aldeão:

—Que allivio, sr. dr.! Já posso ir soçegado á minha vida!

Vossa ex.<sup>a</sup> é impagavel!

E despedi-me do dr. Sobreira, rindo sem intermissão, como toda a gente e toda a borucracia da Havaneza, que andava mesino a tombo.

Mas vejam o que me havia de acontecer com o que se metteu na cabeça da «Discussão»!

Com certeza a mais ninguem aconteceu uma coisa assim desde que o mundo é mundo e o bicho homem o palmilha.

Zé Tainha.

## HORAS D'OCIO

N.º 8

(Dedicado ao Clero)

Suppondo o cambio ao par, pergunta-se por quanto foi paga a traição de Judas.

Resposta ao n.º 7:

A asneira está na passagem da 2.ª p.ª a 3.ª linha, que dá  $\frac{1}{\infty} \approx \frac{1}{\infty}$  e não  $7=9$ .

Figueira da Foz.

M. E.

## Coisas do Concelho

DE PASSAGEM

No nosso numero ultimo referimos-nos á illuminação publica. Julgávamos nós que a illustrada camara iria tomar a serio o seu papel e daria á nossa villa o que ella requer, o que precisa, o que a nós todos faz falta.

A nossa villa tem direito e exige que se lhe dê tudo, tudo de que carece. Todas as camaras tem olhado para ella com inteiro e absoluto desdem.

Teem tratado e continuam a tratar só da clientela das

aldeias, porque são essas que no dia das eleições lhe trazem os cacetes para cobrirem a derrota da villa. E se não vêja-se e todos estamos lembrados:

No dia 2 de janeiro de 1908 (dia em que a comissão regeneradora-liberal tomou posse do senado vareiro) viu-se que só abundaram os caceteiros das aldeias, em quanto que o nobre povo da villa se conservou alheio a essa fantochada, porque está farta de aturar regulos que só sabem apregoar liberdade para si e só para si.

A comissão regeneradora liberal, composta de homens de inteira probidade de antes quebrar que torcer, não foi bem vista e ainda hoje o não é, por esses senhores que pretendem governar-nos por *secula seculorum*.

Mas por que é que esses senhores feudais não viram com bons olhos a comissão regeneradora liberal? Porque? Porque eram e são homens desprendidos da politica mesquinha e que tendo o seu programma definido de administração, não se vergam a interesses particulares.

A prova mais completa vê-se no mez que administraram o município!

Um mez apenas! E tanto bastou para todos conhecerem o seu plano de administração e os melhoramentos de que todos necessitamos.

Estamos no proposito de não deixarmos o campo livre ao que queiram fazer, *fiquem certos d'isso*. E ou tratam de gastar a maior somma em melhoramentos na villa ou esta ergue-se em pezo para nas eleições os escorraçarem do poder.

O povo está farto, fartissimo de os aturar, porque não vê por onde os dinheiros arrecadados se somem.

Sr. Director do «Regenerador Liberal» d'Ovar.

N'este paiz fertil em vaidades e odios é principio estabelecido na lei que regula a liberdade d'imprensa, que o periodico que nos agride é obrigado a aceitar-nos a defeza. E para reparos que em taes circumstancias eu recorra ao seu jornal para responder à «Discussão» que entendeu ser-lhe agradável ouvir a minha humilde pessoa. Taes reparos, porém, são descabidos, quando se saiba que em 1906 quiz responder a um meu adversario politico, e aquelle mesmo jornal negou-se a publicar-me essa resposta. Eis a razão por que me não utiliso do que a lei me faculta, e porque lhe peço um *cantinho* no seu jornal para o que passo a expôr sem odio e sem malquerença.

Quando narro factos e os comprovo porque a isso os outros me provocam, ponho de parte o odio, e só me sirvo da verdade como de seguro escudo.

O director do periodico «A Discussão», no n.º 741 d'este mesmo periodico, na sua «Declaração-Protesto» mostra *desejos ardentes* de que lhe comprove com dados ou factos «as asserções que no decorrer d'uma polemica na imprensa local, fiz, ácerca da sua pessoa «encapotadamente». N'essa polemica referi-me á historia da minha vida politica e á historia da vida politica do sr. dr. Sobreira,

que na imprensa ou fóra d'ella nunca representou o fallecido dr. Aralla ou os seus amigos, nem me representou a mim ou aos meus amigos.

Jámais lhe dêmos esta representação ou auctoridade. Fica a «Discussão», pois, sabendo que as asserções que fiz, e que lhe dôem, estão circumscriptas á pessoa politica do sr. dr. Sobreira, que *tem sido* a mesma «Discussão» e mais partes, mas não o partido regenerador local.

O que affirmei não é uma «ato-arda» ou uma edialisação: é uma historia veridica, que gregos e troianos conhecem, em Ovar e fóra d'Ovar.

A quem quer o sr. dr. Sobreira illudir? Aos que tem conhecimento da historia da sua vida politica? Aos seus contemporaneos ou aos vindouros? Nem a estes illudirá, porque a historia tem *tradição, monumentos e factos*, que a tornam perduravel. O tempo não apaga facilmente aquillo que a vida escreveu, aquillo que o homem fez, e aquillo que os *escriptos ressam*.

Limita-se a chamar aos factos que narrei «ato-ardas», asserções sem verdade.

Faz como as creanças que *negam* os factos verdadeiros que lhes imputam, ou como os arguidos que jámais confessam as culpas de que os convencem.

N'essa polemica, a que allude, dissemos que, em quanto por dedicação ao fallecido dr. Aralla, nosso verdadeiro amigo, andavamos no seu campo politico a trabalhar como *mouro*, arrostavamos com o perigo e com o odio dos adversarios, o senhor dr. Sobreira andava á «babugem».

E' a isto que chama «ato-arda»?

E' a prova d'isto que deseja? Seja feita a sua vontade. Ouça o «Correio da Noite», de 10 de janeiro de 1900, uma quarta feira da era de Christo: «Nossas informações» — «Estão em Lisboa os srs. drs. Joaquim Soares Pinto e Antonio dos Santos Sobreira, nossos distinctos correligionarios, d'Ovar».

Ouça o «Ovarense» n.º 844, de 14 de janeiro de 1900: «Tabellionato» — «Foram nomeados tabelliães privativos d'esta comarca os ex.ºs srs. drs. Antonio dos Santos Sobreira, Francisco Fragateiro de Pinho Branco e Joaquim Soares Pinto, nossos correligionarios».

Depõe mais em prova da minha «ato-arda» o facto do sr. dr. Sobreira dever o seu logar de notario aos progressistas cá da terra e não o dever aos regeneradores; depõe mais o seu ex-ajudante d'escrição Francisco Marques da Silva, a quem havia prometido passar o logar d'escrição de direito n'esta comarca, e a quem, por se passar aos progressistas, deixou logar e indignado a ponto de não mais um dia o querer servir; podia depôr o proprio fallecido dr. Aralla, se vivo fosse, o muito que soube ácerca d'este facto da vida politica do sr. dr. Sobreira, por intermedio d'um alto influente politico progressista, seu amigo pessoal, de quem temos uma carta para aquelle, de natureza reservada e confidencial; etc., etc.

Desde 1892 não perdemos elemento nenhum para a historia da vida politica do sr. dr. Sobreira. Temol-os todos, devido

isso ao feliz accaso de, politicamente, nunca nos podermos entender bem, e de nunca consentir que s. ex.ª me mandasse ou se me impozesse.

Se, pois, insiste no seu desejo de lhe comprovar os demais factos que na minha polemica lhe attribui, queira dizer precisamente e por partes d'esses quaes os que de preferencia deseja comprovados. Temos para tudo; mas para hoje mais nada.

José A. d'Almeida.

### BOLETIM ELEGANTE

Passou no dia 14 as suas 5 primaveras o menino Eduardinho, interessante filhinho do nosso amigo sr. Antonio A. Freire de Liz e netinho do ex.º sr. Eduardo Ferraz. A seus extremozos paes e avós os nossos cordeaes parabens.

— Hoje tambem passa o seu anniversario natalicio completando 17 primaveras, o nosso amigo sr. José Ferreira Brandão. Os nossos parabens.

— No dia 16: o sr. José Gomes da Silva Bonifacio.

— No dia 20: o sr. Gonçalo Ferreira Dias.

— No dia 21: em Villa Real, o sr. Manoel Correia Vermelho, tio do nosso amigo sr. Manoel Maria Correia Vermelho.

— Conserva-se ainda no leito, mas já um pouco melhor dos seus soffrimentos, a ex.ª sr.ª D. Maria Eduarda Ferraz de Liz, extremosa esposa do nosso bom amigo sr. Antonio Augusto Freire de Liz. A tão bondosa senhora desejamos completo restabelecimento.

— Consorciou-se no dia 13, pelas 11 horas da manhã, na nossa igreja parochial, a sr.ª D. Libania de Jesus, com o sr. José da Silva.

A ambos os conjuges desejamos um futuro risonho de venturas, de que tão dignos são.

— No dia 15 do corrente, passou o anniversario do fallecimento do cidadão sr. Francisco Abragão, sendo resada uma missa por sua alma a que assistiu toda a illustre familia do extincto.

— Guarda o leite o ex.º sr. Eduardo Ferraz, muito digno thezoureiro da Camara Municipal. Que as melhoras se façam sentir é o nosso maior e agradável desejo.

— Partiu para Lisboa, aonde vaee passar o inverno, o nosso amigo sr. Antonio Gutterres d'Oliveira Santos, acompanhado de sua ex.ª familia.

— Esteve em S. Vicente de Pereira o Rev.º P.º João Pacheco Côrte Real, parochio de Louroza, Feira, de visita a sua irmã e cunhado, a ex.ª sr.ª D. Maria das Dôres Côrte Real e Antonio Alves da Cruz.

### Noticias

O primoroso artigo que hoje publicamos em editorial, pertence ao nosso esclarecido collega «Diario Ilustrado», a quem pedimos venia da transcrição.

O nosso querido collega «O Portugal» referia-se ha dias que tinha desaparecido um grande vulto republicano.

As nossas informações dizem constar que o dr. Antonio José d'Almeida, tendo a sua fortuna prejudicada, se aucentou para a Africa a ganhar ou-

tra; e ainda outras informações são que s. ex.ª tomou em Lisboa um vapor com destino ao Porto e d'aqui á caminho de Bordeaux e Paris, onde se encontra.

Tractar-se-ha de algum caso grave? Porque fugiria tão inesperadamente?...

### João das Botas

Acha-se preso e incommunicavel para averiguações, por sobre elle recahirem suspeitas de incendiario do seu predio do Calvario. Do que se souber fallaremos no proximo numero.

### David Rodrigues da Silva

Tendo passado no dia 10 o anniversario do nosso amigo sr. David Rodrigues da Silva—conforme publicamos no numero anterior—a sociedade da philarmonica Ovarense, mais conhecida pela *Musica Velha*, inagurou na sua casa de ensaios o retrato do seu ex-regente ausente no Pará, tocando diversas peças do seu numeroso repertorio até ás 10 horas da noite.

Felicitemos d'aqui aquelle nosso amigo e que a sorte o ba-feje.

### Missa

No dia 15 foi resada uma missa do 7.º dia suffragando a alma do que se chamou Manoel Maria Gomes da Silveira, a que assistiu toda a familia do extincto. Foi celebrada pelo R.º Manoel Rodrigues Lyrio.

### Casamento

Realisou-se no dia 14 de Outubro no Rio de Janeiro, o casamento do nosso estimado amigo sr. Joaquim Gomes Dias com a ex.ª sr.ª D. Alice Teixeira de Macedo.

Alem da familia da noiva e Manoel Dias, irmão do noivo, assistiu o nosso amigo sr. Joaquim Maria de Abreu, amigo particular do noivo pelo qual foi convidado.

A tão sympathicos noivos ambicionamos um futuro risonho e cheio de felicidades e enviamos muitos parabens.

### Estradas

Estão intransitaveis todas as arterias que dão accesso á estação do caminho de ferro.

Quanto é prejudicial ao commercio e ao lavrador?!

Na estrada dos Pelames são precisas duas juntas de bois para cada carro!

A nossa inegalavel Camara não vê ou não quer vêr o que ahí vai...

### Ao Director do Correio

Pedimos a V. Ex.ª se digne dizer-nos até que horas está o correio aberto para recepção do nosso jornal e bem assim dizer-nos aonde estão collocadas as caixas ou marcos postaes para recepção de correspondencia. Vamos! diga. Faça-nos esse favor.

### Agradecimento

As familias Silveira, Abreu e Carrelhas, agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-as pelo fallecimento de seu primo Manoel Maria Gomes da Silveira, bem como a todas que acompanharam o extincto á sua ultima morada e assistiram á missa do 7.º dia.



## TELHA DE OVAR

(1)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.<sup>a</sup> 21\$000—2.<sup>a</sup> 16\$000—3.<sup>a</sup> 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

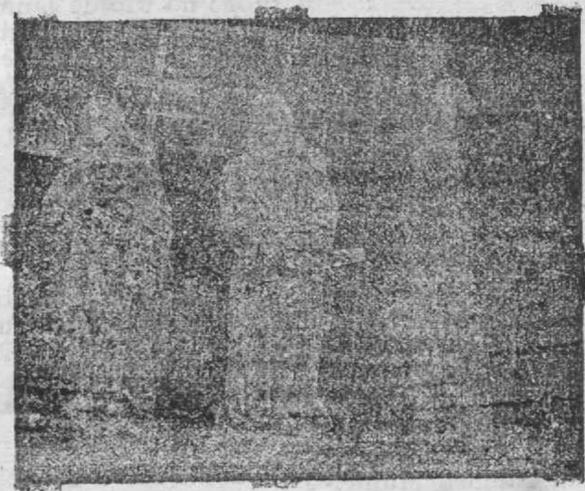
A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

### Escolha feita a rigor



PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.<sup>a</sup>



## AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.º 114 A 134  
—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Telephone, 279

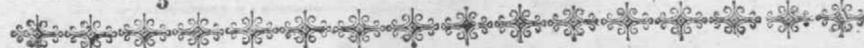
Enderço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar  
Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)



Uma visita á (2)  
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—\* ESPINHO —\*

Todos os trabalhos photographicas  
Retratos em porcellana  
Retratos coloridos e oleo, aguarellae pastel  
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim  
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartonegem photographica moderna.  
Impressões e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPINGARDAS DE CAÇA (3)  
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca.

Prana «Sparklets»

Vibrador «Varno»

Serveteiras

etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Parça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difíceis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, scaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidrarria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Lucida Garrett, 20

—\* PORTO —\*

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Biquetes, caixilhos, espelhos, e

(8) **Histogeno Llopis** Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

**Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia**

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.<sup>a</sup>, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.<sup>o</sup>

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

**MARQUES & ARAUJO**

— LIMITADA —

—\* Vendas por junto e a retalho\*—

Rua de S. João n.º 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

**Candido Henriques da Silva**

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanizada. Trabalhos garantidos e perfectos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar